



RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Meliponicultura: relato de experiência no povoado Canela dos Ferreiras do município olho d'Água das Cunhãs, Maranhão

COSTA FILHO, Celso Sousa¹; ARAÚJO, Francisco Gabriel Gomes¹; BRINGEL FUENTES, Giovanna Maria¹; LIMA, Eliene¹

¹Universidade Estadual do Maranhão, biolocelso@gmail.com, bielnice46@gmail.com, gibrintes@gmail.com, eli98lima@gmail.com

Eixo temático : Produção familiar ecológica

Contextualização da experiência

A meliponicultura é a atividade que trata da criação de meliponíneos, também chamada de abelhas sem ferrão (VILLAS-BÔAS, 2018), proporcionando vários benefícios, tais como fonte alternativa de renda para o pequeno produtor, perpetuação da flora nativa a partir da polinização e sustentabilidade. Apesar das vantagens que a atividade possibilita para produtores e produtoras rurais, é uma prática pouco disseminada.

Além de poder garantir renda direta para os produtores em função da gama de produtos e subprodutos comercializáveis, as abelhas também podem proporcionar renda indireta, uma vez que esses animais são responsáveis por grande parte da polinização de plantas nativas e cultivadas, incrementando, por exemplo, as culturas agrícolas (GEMIM; SILVA, 2017).

A implementação da meliponicultura no povoado Canela dos Ferreiras emerge em um cenário corriqueiro das comunidades rurais de agricultura e pecuária tradicionais: pouca vegetação nativa, ausência de ecótopos essenciais para diversas espécies com consequente diminuição e/ou desaparecimento da fauna local. Esse cenário, junto com as mudanças climáticas, o descaso humano, e a falta de consciência ambiental, comprometeu a distribuição de espécies meliponícolas na região.

A atividade foi realizada pelo produtor rural, professor, meliponicultor e entusiasta das causas ambientais Antônio Máximo, que listou uma série de objetivos que o levaram a criar abelhas nativas sem ferrão, dentre eles: a) incrementar suas culturas agrícolas através da polinização; b) produção de mel de qualidade; c) são abelhas que ocorrem naturalmente na região (agora com frequência reduzida); d) o meliponário servirá como espaço alternativo para aulas fora dos muros da escola; e) curiosos podem aderir a prática ao conhecê-la.



Kerr (1996) lista 14 porquês para a implementação da meliponicultura. Embora o professor Antônio desconheça a obra, várias de suas ideias e porquês para a implementação da atividade convergiram com o autor citado acima.

A implementação da meliponicultura pelo professor Antônio no povoado trouxe a princípio uma série de benefícios, como um mel de qualidade, e a polinização de cultivares agrícolas.

Com isso, o objetivo deste relato é compartilhar a experiência de introdução da meliponicultura como prática educativa e ambiental no povoado Canela dos Ferreiras, destacando a valorização do saber local e incentivando à adoção de práticas sustentáveis bem como o fortalecimento da criação de abelhas nativas sem ferrão na comunidade.

Descrição da Experiência

Com cerca de 300 habitantes, o povoado Canela dos Ferreiras fica localizado a cerca de 15 km da cidade de Olho d'Água das Cunhãs. Conta com um clima subúmido e quente, com pluviosidade anual de 1500 mm e com um solo argiloso. As principais atividades econômicas locais são a agricultura e a pecuária, com ênfase na bovinocultura, cultura do arroz, feijão e milho (CPRM, 2012).

O presente relato de experiência consistiu em uma visita realizada por três alunos do curso de ciências biológicas da Universidade Estadual do Maranhão, campus Bacabal, Francisco Gabriel Gomes de Araújo, Giovanna Maria Bringel Fuentes e Celso Sousa Costa Filho, ao meliponário do professor Antônio Máximo, residente no povoado Canela dos Ferreiras, como mostra a figura 01.



Figura 01 — Alunos no meliponário

(Fonte: Acervo pessoal, 2025)

Os alunos permaneceram no meliponário por cerca de três horas coletando informações acerca dos benefícios, história e objetivos da iniciação à meliponicultura.



O professor Antônio Máximo iniciou as atividades no mês de março do ano 2024, sendo aplicada na escola Centro de Ensino José de Matos Oliveira – Anexo Canela, como uma contraproposta ao cenário alarmante observado e trabalhado em sala de aula: as crescentes ações antrópicas que pesavam sobre a biodiversidade local.

De início, a atividade fora trabalhada em caráter tão somente teórico. Após aprofundamento com consequente robustez teórica aliada ao relato de moradores locais mais antigos sobre a distribuição natural de espécies meliponícolas na região, surgiu a necessidade de aquisição de espécies com distribuição local.

O primeiro enxame foi adquirido na cidade de Santa Luzia do Paruá – MA, tendo como espécie a *Melipona fasciculata* Smith, popularmente conhecida como tiúba ou uruçú cinzenta. Segundo relatos populares locais, a tiúba ou uruçú cinzenta eram amplamente distribuídas na região, onde meleiros facilmente a encontravam em seus locais naturais de nidificação, os ocós das árvores.

Após o aprofundamento teórico-prático no manejo específico da tiúba, participação em eventos virtuais e presenciais e visitas a meliponicultores, houve a aquisição de novas espécies. Hoje, além da tiúba, o meliponário conta com as espécies *Melipona flavolineata* Friese, conhecida como uruçú amarela; a *Tetragonisca angustula* Holmberg, conhecida como jataí e a *Friesomelitta varia* Lepeletier, conhecida como marmelada.

A aquisição dessas novas espécies, bem como o conhecimento da distribuição e presença de outras espécies na região se deve a uma visita realizada a um meliponicultor da cidade de São João do Carú – MA. Junto com essa visita, as práticas de manejo da propriedade trouxeram um conhecimento de práticas agroecológicas aplicadas a meliponicultura, com ênfase no plantio estratégico de plantas nativas para as diferentes estações do ano, a fim de obter néctar e pólen de forma contínua. Além disso, observou-se na visita tanto áreas de mata conservada como de área preservada. Na área preservada, foi possível observar as nidificações naturais de diferentes espécies meliponícolas, bem como técnicas populares de identificação e captura de enxames.

Hoje o meliponário conta com 15 enxames distribuídos em caixas modelo INPA e caixas horizontais também conhecidas como caixas caboclas ou rústicas. Apesar do potencial econômico da atividade, o escopo momentâneo do meliponário é o de servir como espaço de educação ambiental para disseminação da atividade.

A multiplicação de enxames é realizada quando necessário; entretanto, segundo o professor, ainda há carência de pasto meliponícola suficiente para viabilizar a produção de mel em escala comercial, o que reforça a necessidade de ações de plantio estratégico e aplicado, para obtenção de recursos alimentares naturais para essas



abelhas, a fim de obter uma renda a partir da comercialização de produtos meliponícolas.

Desafios da Experiência

Ao ser questionado sobre quais foram os principais desafios para o sucesso da meliponicultura o professor Antônio Máximo destacou algumas situações: a) a ausência de meliponicultores nas proximidades; b) a adoção de práticas agrícolas insustentáveis, com ênfase na utilização indiscriminada de produtos químicos e queimadas, c) a falta de recursos alimentares naturais para as abelhas, e d) a necessidade de estratégias práticas para mitigar as ações antrópicas perniciosas contra a entomofauna.

Principais resultados alcançados

A introdução da meliponicultura no povoado teve forte impacto para os entusiastas visitantes em função principalmente dos exemplos práticos, como mostra a figura 02, onde o professor Antônio demonstra na prática recursos alimentares naturais das abelhas para o aluno Gabriel.



Figura 02: Demonstração dos recursos alimentares naturais

(Fonte: Acervo pessoal, 2025)

Outra demonstração prática de um benefício direto da meliponicultura foi para a fruticultura. Com frequência os frutos comercializados na feira local de Olho d'Água das Cunhãs são oriundos de outros locais. Uma das justificativas é o fato dos cultivares locais serem "entanguidos". Em um videoclipe registrado na visita, o professor deixa



claro que cultivares agrícolas deixam de expressar seu máximo potencial justamente em função da ausência de polinizadores.

Em sua propriedade, que conta com cerca de 32 hectares, percebeu-se um melhor desenvolvimento das frutíferas cultivadas. Para os alunos e visitantes em geral, a informação é essencial porque demonstra uma aplicação prática que pode agregar valor à produtos de um comércio pouco explorado a nível local, a fruticultura.

Outra informação que o professor destaca com frequência são as características únicas do mel de meliponíneos: suas propriedades organolépticas variadas; suas propriedades terapêuticas e seu valor agregado, com grande potencial de mercado.

Com frequência o professor Antônio tem visitado meliponicultores experientes como destacou suas viagens para o Piauí, Santa Luzia do Paruá – MA, São Luís – MA, São João do Carú – MA e sua futura viagem para Vitória da Conquista – BA, para a participação no simpósio de meliponicultura dos biomas, tudo isso a fim de obter conhecimento teórico e prático para trazer e adaptar para sua realidade

Como propriedade emergente dessas visitas, tem-se o desejo de fortalecer e disseminar a atividade a nível local e regional. Despertar a sensibilização ambiental da comunidade, incentivar a realização de boas práticas na agricultura e pecuária, preservar, conservar e resgatar a vegetação nativa, são ações pretendidas.

Para isso, educação ambiental, desenvolvimento da criticidade ao modelo de produção tradicional e práticas agroecológicas são essenciais para o sucesso da atividade, afirma o professor, que ao final da visita, em um videoclipe, abre as portas de seu meliponário para a universidade, bem como reforça a necessidade de ter as universidades abraçando a causa.

Agradecimentos

Agradecemos a nossa orientadora Eliene Lima, pela dedicação e atenção para com os alunos. À Universidade Federal do Maranhão pela organização do evento e ao professor Antônio Máximo, pelos ensinamento e pela recepção.

Referências bibliográficas

BARBOZA, A. N. M. Relato oral. Informações fornecidas aos autores durante conversa no povoado Canela dos Ferreiras. Olho d'Água das Cunhãs (MA), 12 jul. 2025.

GEMIM, B. S.; SILVA, F. A. M. Meliponicultura em sistemas agroflorestais: alternativa de renda, diversificação agrícola e serviços ecossistêmicos. *Revista Agro@ambiente On-line*, Boa Vista, v. 11, n. 4, p. 361-372, out./dez. 2017.

KERR, W. E. *Biologia e manejo da tíuba: a abelha do Maranhão*. São Luís, MA: EDUFMA, 1996. 156 p.



III SEDUCA

25, 26 E 27/09/25 UFMA-BACABAL-MA

III Seminário sobre Educação do Campo e Agroecologia

Sustentabilidade e mudanças climáticas: O papel da agricultura camponesa na transformação social

Realização



SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (CPRM). *Diagnóstico hidrogeológico do município de Olho d'Água das Cunhãs – MA*. São Luís: CPRM, 2012. 49 p. (Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea). Disponível em: https://rigeo.sgb.gov.br/bitstream/doc/15548/1/rel-olho_dagua.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

VILLAS-BÔAS, J. *Manual tecnológico de aproveitamento integral dos produtos das abelhas nativas sem ferrão*. 2. ed. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza, 2018.